

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 555	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE MAIO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



O ANEL DE NUPCIAS — Quadro de Shumann



CHRONICA OCCIDENTAL

Os ultimos jornaes do Rio de Janeiro trouxeram nos uma noticia lugubre para a nossa necrologia artistica, a noticia da morte d'uma actriz, muito querida e muito conhecida em Portugal, e que, apesar de não ser portugueza pelo nascimento, como actriz portugueza estava fazendo a sua carreira theatral em Lisboa, quando as apparencias illusorias d'uma herança problematica a levaram para o Brazil á procura da Fortuna e ao encontro da morte — a pobre Florentina Rodrigues!

A Florentina Rodrigues era hespanhola e poucos annos esteve em Lisboa, quatro annos, se tanto, mas bonita, graciosa, cheia de vocação e de mocidade, cahiu logo, como actriz, nas boas graças do publico — excellente rapariga, muito delicada, muito modesta e dotada de um bello caracter e d'uma grande bondade, conquistou logo as sympathias e a estima das suas collegas, para além do panno, e d'ahi a noticia da sua morte produzir profunda sensação e enorme pesar em Lisboa, tanto entre o publico, como entre os artistas.

Florentina era muito nova ainda, nova no theatro da vida e nova na vida do theatro, e por isso a sua biographia faz se rapidamente, em meia duzia de linhas apenas.

Nascida em Cartagena, em 25 de julho de 1867, aos 20 annos estreou se como cantora de zarzuela no theatro principal da sua terra, e agradou logo muito, porque era gentil, porque tinha geito para o theatro, e sobretudo, alegria, jovialidade, despretenção.

Agradou e seguiu carreira, partindo logo depois com a companhia do maestro Cereceda em tournée artistica por Barcelona, Valencia, Alicante, Murcia e Madrid.

Foi n'essa tournée que Florentina veiu a Lisboa e que cá ficou.

O maestro Cereceda, tendo-se dado bem com a sua empresa ambulante, depois de ter feito a primavera de 1888 em Madrid com a sua companhia, veio, nos principios do verão — em junho — dar uma serie de espectaculos a Lisboa, no Colyseu da Rua Nova da Palma.

A companhia agradou em Lisboa. O seu grande successo, porém, foi a *Cadix*, e o successo da *Cadix* foi a negra, que depois de agradar muito no *duetto* com o preto, tinha um exito colossal todas as noites na famosa *jota* com que fecha a zarzuela!

Essa actriz que fazia o papel de negra, e que depois no fim cantava a *jota*, era Florentina Rodrigues, e nunca essa *jota* tinha sido cantada, nem tornou a cantar-se em Lisboa, com aquelle *brio*, aquelle *entrain* e aquelle successo!

A companhia de Cereceda era boa, mas a actriz da companhia que mais se distinguiu, que deu nas vistas, a *estrella da troupe*, foi a Florentina.

Terminado o seu contracto com o Real Colyseu, o maestro Cereceda partiu com a sua companhia para Hespanha, mas a Florentina ficou cá porque o seu coração fallara pela primeira vez e ella não soube nem quiz fechar os ouvidos a essa voz.

Ficou, não para viver vida opulenta e regalada, porque a ambição das riquezas, o interesse, não tinham entrado para nada nos seus negocios do coração; ficou, porque amou, e amou porque amou, sem querer saber de mais nada, amou á antiga, romanticamente, desinteressadamente, sem se importar coisa alguma em se alistar nas fileiras cada vez mais rareadas e desertas do «teu amor e uma cabana».

Era feliz, mas precisava trabalhar, porque nem só de felicidade vive a creatura humana.

Ella o que sabia era cantar e representar; em Lisboa não havia companhia hespanhola onde podesse representar e cantar: havia só companhias portuguezas.

— Representarei e cantarei em portuguez! resolveu rapidamente Florentina Rodrigues, lançando-se ao trabalho com toda a boa vontade e com toda a energia, e d'ali a semanas era applaudida no theatro da Avenida como actriz portugueza.

O theatro da Avenida, porém, estava agonisante e pouco viveu. Florentina fez o verão de 1890 no theatro do Principe Real, com uma companhia que não foi feliz, que durou pouco tambem mas em que appareceu uma artista que d'ali a annos havia de ser uma das grandes actrizes da nossa terra — Angela Pinto.

Em 1891 organizou se uma sociedade de artis-

tas para explorar o theatro da Avenida sob a direcção de Ciriaco Cardoso.

Florentina Rodrigues fazia parte da companhia e logo na peça da abertura *O Direito Feudal* alcançou um grande e legitimo successo, ao lado de Cinira Polomo e de Lucinda do Carmo.

A seguir, no *Meia Azul*, na *Gran Duqueza*, Florentina agradou muito, mas o seu grande successo a sua brilhante criação foi a de Affonsa no *Burro do senhor Alcaide* que ella cantou e representou excellentemente com grande alegria e encantadora gentileza, que lhe valeram muitos applausos do publico e muita gratidão nossa. Começou inverno de 1891 Florentina Rodrigues não quiz assignar escriptura na Avenida porque tinha que ir a Hespanha tratar da habilitação — segundo se dizia — d'uma importante herança que tinha a receber no Brazil.

Partiu para Hespanha e d'ahi seguiu para o Rio de Janeiro com a sua mãe, seu irmão e o homem a quem amava e a quem entregara o seu futuro, a sua vida.

Muitas vezes nos cavacos dos bastidores perguntava-se por ella. Só o que se sabia é que ella andava lá pelo Brazil e que a tal herança famosa não passava d'uma ficção.

Agora vieram noticias, desgraçadamente.

A febre amarella matou a a ella, e a sua mãe, e a seu irmão, um pobre rapaz que tambem representava na Avenida, o D. Jeronymo, que no *Burro do senhor Alcaide* fazia um dos sebastianistas.

E assim desapareceu do mundo, aos 27 annos aquella pobre rapariga, tão alegre, tão gentil, tão cheia de talento e de bondade!

Pobre Florentina Rodrigues!
Que durma em paz!

Annuncia-se para o dia em que esta chronica deve saber á luz, o dia 21 de maio, um grande acontecimento artistico na nossa terra a inauguração do theatro D. Amelia.

A inauguração d'um theatro novo é sempre um acontecimento em qualquer cidade, e entre nós o acontecimento redobra de importancia porque se trata d'um theatro de primeira ordem, que vai com certeza ser a mais elegante e mais luxuosa sala de espectaculos não só da nossa cidade, como tambem do nosso paiz, e talvez podemos mesmo affiançar de toda a peninsula, porque o theatro D. Amelia já pelo seu elegantissimo risco, já pela sua formosissima decoração, ficará sendo um dos theatros mais bellos de toda a Europa, tendo lá fora, nas grandes cidades opulentas e luxuosas raras que o excedam, pouquissimos que o igualem.

E pelo aspecto externo do theatro ninguem tal ha de dizer!

O aspecto é modestissimo quasi que insignificante e não deixa advinhar, nem por sombras, as maravilhas que ha lá por dentro.

E' exactamente o contrario do velho proloquio das cordas de viola e do pão bolorento.

Quando se passa pela rua do Thesouro Velho e se vê a fachada do theatro imagina-se que se trata d'um theatro qualquer, mais modesto ainda do que a maioria dos que para ahí temos: entra-se na sala e o deslumbramento é completo.

Eu tinha ouvido dizer maravilhas d'esse theatro, quando ha dias lá entrei pela primeira vez: já preparado pelas informações a encontrar um esplendido theatro e apesar d'isso fiquei maravilhado: a realidade excedeu muito e muito o que eu já ia imaginando.

Calculo por isso, pela impressão recebida, o deslumbramento que aquella primorosissima sala de espectaculos, unica no seu genero em Portugal, causará aquelles que lá entrarem completamente desprevenidos e tendo só a inculcar-lhes o que é o theatro, a sua modesta apparencia externa.

A sala de espectaculos é de grandes dimensões e aproveitada com tal arte no seu risco elegantissimo, que comporta mais duzentos espectadores que o theatro de S. Carlos.

O risco da sala é inteiramente novo entre nós.

Em baixo, no fundo da platéa, ha um grande recinto d'onde se goza perfectamente o espectaculo e que é destinado exclusivamente para espectadores de pé, como em alguns theatros em Madrid.

Na primeira ordem ha, adiante dos camarotes de fundo, um elegantissimo balcão; na segunda ordem outro balcão que occupa todo o fundo da sala, a terceira ordem, toda em amphitheatro, é destinada aos logares baratos, comporta centenas de espectadores, que tem entrada e sahida exclusiva, sem comunicação com o resto da sala.

A sala de espectaculos comunica por uma ampla e elegante escadaria com uma grande galeria

envidraçada e ajardinada que serve de botequim e que é uma perfeita novidade nos nossos theatros.

Essa galeria fecha por um *fresco* de Manini, que é uma verdadeira obra prima, um dos mais notaveis trabalhos que o illustre scenographo tem feito entre nós.

Na primeira ordem ha um *foyer* para uso do publico, que é uma obra d'arte primorosa.

Mas, para nós, a verdadeira maravilha do theatro é o tecto pintado pelo decorador Rossi, que a empresa proprietaria do theatro mandou vir expressamente d'Italia.

Rossi é um grande artista; prova-o toda a decoração do theatro D. Amelia, e especialmente esse tecto que com certeza é dos mais formosos e artisticos que ha em theatro.

Nesse *plafond* ha sobre o proscenio uma figura de mulher, que é um verdadeiro encanto.

As grades das duas ordens de camarotes e da 3.^a ordem, paraíso, são todas douradas e d'uma elegancia distinctissima.

A iluminação do theatro é a gaz e muito original o grande sol de crystal, que collocado no meio do tecto, substitue os antigos lustres e é d'um efeito maravilhoso.

O theatro D. Amelia é propriedade d'uma sociedade de que fazem parte os srs. visconde de S. Luiz de Braga, Ramos Sobrinho, genro do illustre escriptor Ramalho Ortigão, Celestino da Silva, mais dois capitalistas e o distincto actor Guilherme da Silveira, que ao mesmo tempo é o director-gerente da empresa, e que com os seus vastissimos conhecimentos de negocios theatraes é segura garantia da maneira como o novo theatro será artisticamente dirigido.

O Occidente occupar-se-ha brevemente em artigo especial do theatro D. Amelia e publicará *croquis* do elegante theatro, que no dia 21 do corrente — hoje que me lêem — será inaugurado com a companhia italiana d'opera comica dos irmãos Gargano, companhia de que nos dizem maravilhas e de que largamente fallaremos na proxima chronica.

Gervasio Lobato



AS NOSSAS GRAVURAS

O ANEL DE NUPCIAS

O poetico quadro que apresentamos aos nossos leitores, desenha uma d'essas scenas de momentos felizes entre aquelles que se amam.

A historia é singela como a mocidade dos dois namorados, em que tudo é cor de rosa, e o munda um paraizo, porque se singe n'aquelles dois entes que se amam.

Um passeio no parque, sob a fragancia das arvores onde as avesinhas soltam os seus cantos e as flores evolvem os seus deliciosos perfumes, era o momento propicio para as confidencias e os protestos de amor.

O anel de nupcias teria o condão de aproximar mais aquelles dois entes que se amavam, e esse era o seu maior desejo.

E' tão antigo o uso dos aneis que elles appareceram como um dos primeiros productos da industria do homem, na idade do bronze.

Se n'essa época o anel era já um signal de ligação entre dois entes que se estimassem, e até amassem, não sabemos, entretanto é tão natural a troca d'este adorno entre os namorados, que raras serão aquelles que antes de se casarem não tenham trocado um anel, como nma prenda de bom agouro para a realisação do seu futuro enlace.

Entre as pessoas de educação o anel de nupcias faz parte da cerimonia matrimonial, e tanto se tem vulgarisado este uso que é raro encontrar-se dois conjuges em que se não tenha realiado a troca do anel ou alliança.

MASSARELLOS

Fica nos arredoras da cidade do Porto, junto á margem direita do rio Douro, no caminho da Foz.

E' sitio muito aprasivel, e onde se encontram construcções antiquissimas, pelo que se conhece ser povoado muito antigo, como antiga é a freguezia, pois data da fundação da monarchia.

A primeira igreja d'esta freguezia, ou de Nossa

Senhera da Boa Viagem, de cujo orago é, cahiu em ruina, pelo que foi transferido o culto para a capella do Corpo Santo, em 1868.

A freguezia de Massarellas tem hoje mais de 1:200 fogos e é das mais populosas do Porto.

Tem bellos edificios modernos e antigos, assim como grande numero de fabricas de fundição de ferro, louça moagens, cerveja e outras, pelo que se pôde considerar como uma das freguezias mais industriaes d'aquelle conselho.

Na freguezia de Massarellas está o Palacio de Chrystal, e a celebre casa de Pero d'Ossem, ou Pedro Ceal, e que hoje pertence aos srs. marquezes de Monfalim (ou dos Terenas).

D. JOAQUIM BISPO DE CABO VERDE

D'uma figura elevada, grave, serena insinuante e bondosa, reflecte-se na sua physionomia como em limpido espelho, a amavel ignorancia dos grandes merecimentos da alma e do seu coração, que impressiona agradavelmente quem se lhes approxima, attrahindo mesmo e impondo se respectivamente na modesta simplicidade da sua apresentação, como um verdadeiro ministro do Senhor, como um verdadeiro apóstolo do christianismo.

O seu fino trato e porte correcto, despertencioso e obsequiador, faz lembrar a elegancia e denodo dos seus intrepidos comprouvianos D. Pedro de Menezes, primeiro conde de Villa Real e primeiro capitão governador e donatario de Ceuta, que defendeu heroicamente durante vinte e dois annos de luctas continuas, e onde falleceu em 1437, sendo almirante de Portugal, alferes-mór de el-rei D. Duarte e um dos mais valerosos capitães do seu tempo; Diogo Cão, descobridor do Zaire e reino do Congo em 1484, chegando na segunda viagem, realisada um anno depois, até 22.º austraes; Fernão de Magalhães, que fez a primeira viagem á roda do globo em 1519, Pedro Teixeira, notavel explorador e conquistador no Amazonas pelos annos de 1615 e seguintes, Frei Miguel de Contreiras, que convenceu D. Leonor, viuva de el-rei D. João 2.º, a fundar a primeira casa de Misericórdia em Portugal, o insigne missionario padre Nodia, companheiro de Anchieta, que tantos serviços prestou á humanidade fazendo brotar com vigor os fructos da civilisação christã entre os tamoyos brazileiros, e muitos outros que, partindo das terras trasmontanas animadas pelo espirito religioso, foram arrojados e persistentes, e até negando de tudo que individualmente lhes era caro, se expozeram aos maiores perigos, sómente estimulados pelo amor e engrandecimento da sua patria!

Homens assim prepara-os a Providencia para se avantajarem aos outros homens, sentindo em si um verbo impulsivo que lhes dá vigor para a lucta.

O Rev.º sr D. Joaquim Augusto de Barros, nasceu na Villa do Peso da Regoa, a 23 de julho de 1837, sendo seus paes Francisco Manuel de Barros e D. Maria Maxima de Barros.

Inclinado desde os mais verdes annos para a vida ecclesiastica, foi muito novo ainda para casa de seu illustre tio materno, padre José Justino de Carvalho, residente em Villa Real de Traz-os-Montes. Ali, no lyceu, cursou as aulas de preparatorios, indo em seguida para o Porto, em cujo seminario estudou theologia com notavel distincção.

Nos annos de 1862 ou 1863, não se importando com os prazeres materiaes, as riquezas e honrarias mundanas, e preferindo as agruras de parochia de aldeia, foi despachado reitor da freguezia de S. Salvador de Torgueda, do arcebispado primaz de Braga, pertencente ao districto e concelho de Villa Real, e ahi passou vinte annos em plena serra do Marão, com o coração a trasbordar d'aquella santa alegria que inspiram as grandes dedicações religiosas.

E não podia deixar de ser assim, porque nas aldeias trasmontanas ainda é consolador ver todos os homens velhos e novos, quando o sino tange as trindades ou se acham reunidos juntos do seu pastor, de cabeça descoberta e no mais absoluto recolhimento, animados de verdadeira fé primitiva, a resarem devotamente, beijando a mão do seu abbade com respeito e affecto ao finar a santa rezas.

Ao ver assim orar fervorosamente o povo nosso comprouviano, fica-se pensando que devia ser d'esta forma que os heroes da nossa epopea marítima resavam, com a mesma unidade, com o mesmo ardor, com a mesma devoção e respeito fervorosos.

Tão pobre como os seus pobres, foi o idolo dos seus parochianos, que o adoravam, como é hoje adorado de quantos conhecem os finos quilates da sua alma.

A verdadeira obrigação de cada creatura é servir aos designios providenciaes, segundo as suas facultades, porque o homem não rege, nem prepara o seu destino: só cumpre o que lhe ordena o Creador!

Assim, descuidoso d'este principio axiomático, quando nem por sombras imaginava ter de abandonar a sua sertaneja parochia, foi-lhe com grande admiração e magoa sua e de seus parochianos que o adoravam, participada a nomeação para bispo de Cabo Verde, feita em 13 de março de 1884, sendo então ministro e secretario de estado da marinha e ultramar, o ex.º Manuel Pinheiro Chagas. Ao receber esta inesperada noticia, juntou se-lhe, no dizer do *Progresso do Norte*, de 18 de março do referido anno, a população da freguezia á porta da residencia, lamentando a perda de tão bom pastor.

«Se as suas notavelmente extraordinarias virtudes, diz ainda o mencionado *Progresso do Norte*, precisavam d'uma prova solemne para se affirmarem no perigoso lance da seducção de honrarias e prohemincias sociaes, em que os de maior fortaleza de animo teem baqueado, tiveram-na agora na resistencia obstinada, que elle, o manso e affavel como a caridade, que lhe segredára sempre a medida de todos os actos do seu viver, oppoz em lucta rija e violenta á acceitação do cargo e dignidade prelatia. Só cedeu, quando viu collidir a sua modestia com a desobediencia e os seus affectos de familia com profundos desgostos, que causava.

«Feliz na sua obscuridade, de que, aliás, refulgiam ao longe, sem elle o pensar, todos os mais primorosos dotes do perfeito discipulo de Christo, sente-se hoje bispo e principe, attribulado com escrupulos do desempenho da elevada missão, para que se pôde dizer, que parece ter nascido

O *Primeiro de Janeiro* do Porto, publicava na mesma época o que segue:

«A vida d'este illustrado sacerdote tem passado obscura e modesta, como é obscuro e modesto o campanario da aldeia d'onde yae transferido para a dignidade prelatia. Encerrado n'um estreito desfiladeiro de montanhas, a sua boa ordem não encontra difficuldades, que não vença, nem distancia que não transponha, quando é preciso aliviar um infortunio ou proteger um desgraçado. Onde a miseria e as mil vicissitudes da vida humana lancem mais evidentemente a sua garra ferina, ahi apparece o parochio de Torgueda sempre com uma consolação nos labios e com uma esmola, que a mão direita esconde cuidadosamente da esquerda.

D'um trato affabilissimo, d'uma figura insincante e bondosa, possuiu a amavel ignorancia dos seus grandes merecimentos.

«Toda a sua actividade a traz repartida entre os seus deveres de padre e de parochio, e a cultura de uma notabilissima affeição.

«E' a que elle consagra a sua santa mãe; uma octogenaria respeitabilissima que tem tido a felicidade de ver os seus filhos, o nosso bispo, o bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra sr. José Augusto de Barros e o sr. conselheiro Guilhermino de Barros, elevados ás maiores alturas, graças á virtude e aos talentos que aquella soube transmitir-lhes.

Havendo sido sagrado na egreja do Sactamento em Lisboa, partiu para a sua diocese em junho de 1884; voltando ao reino passados seis annos para conseguir, como conseguiu, alguns melhoramentos para a sua Egreja e os seus diocesanos.

Um dos primeiros cuidados de S. Ex.º Rev.º, quando voltou a Traz-os-Montes, foi ir visitar a sua nunca esquecida parochia de Torgueda. Ao chegar ali inesperadamente, acudiu tod' a população, com indesiveis manifestações de alegria, a prestar sincera homenagem ao seu saudoso pastor, passando-se scenas commovedoras n'aquelle momento solemne!

O sr. bispo, chorando enternecido, abençoou os seus antigos parochianos, que são de S. Ex.º Rev.º sinceros e provados amigos.

Sendo indispensavel a sua comparencia em Roma, para ali partiu. As suas virtudes conhecidas na capital do orbe catholico fizeram com que elle fosse justamente considerado por Sua Santidade Leão XIII.

Em 6 de junho do anno de 1893, partiu de Lisboa novamente para a sua diocese. Do modo como ali foi recebido, dá-nos testemunho a correspondencia publicada no *Correio Nacional* de 1 de agosto ultimo, e que reza assim:

«Regressou á sua diocese o Ex.º e Rev.º Sr.

D. Joaquim Augusto de Barros, venerando Prelado.

Quanta seja a satisfação que sentem os filhos de Cabo Verde por tão feliz acontecimento, bem a podem apreciar todos quantos conhecem as suas bellas qualidades.

«Virtuoso e illustrado, affavel com todos, austero comsigo mesmo, zeloso pelo bem espiritual dos seus diocesanos a todos captiva com palavras d'amigo e a todos ensina com conselhos paternaes.

«Sabemos que, há muito, desejava o venerando Prelado regressar ao seio do seu rebanho, mas mal o podia fazer sem vir acompanhado de pessoal para o serviço da Sé e do Seminario. Resolvida que foi esta difficuldade não se demorou mais um momento em Portugal, e como bom pastor que sabe dar a vida por suas ovelhas na guarda do aprisco que a Providencia lhe confiou para dirigir.

«O povo esperava o em magotes, reverentemente apoeilado, soltando vivas de contentamento e recolhendo devotamente a benção que S. Ex.º Rev.º ia lançando. Alegre dia este porque tambem é a primeira vez que um Prelado regressa á sua diocese, pelo menos nos modernos tempos, depois de ir ao reino, em goso de licença.

«Findo o *Te Deum* dignou-se S. Ex.º Rev.º subir ao pulpito e em linguagem apostolica saudou os seus diocesanos.

«Quasi pelo espaço de uma hora teve S. Ex.º Rev.º suspenso de seus labios o selecto auditorio. Consoladoras todas aquellas palavras que cahiram como perolas bem lapidadas dos labios do Venerando Prelado. Forma classica, exposição digna d'um Prelado, reconhecimento para com o nobre ministro da marinha, sr. conselheiro Neves Ferreira por attender ás instantes necessidades de nomear algum pessoal para o serviço da Sé e do Seminario, rasgados louvores ao presidente da Junta Governativa e vice-Reitor pelos serviços prestados á diocese e ao Seminario, apreço de não menor estima para com os vogaes da Junta, agradecimento ao conductor de 1.ª classe, D. Thomaz d'Almeida pelo seu auxilio na realisação dos importantes melhoramentos, feitos no seminario, descrições apromoradas de quanto viu na sua viagem *ad sacra limina*, conselhos paternaes e amigolos, uma evangelica commoção até sentir a voz embargada na garganta, quando falla do acolhimento que lhe fizera no Vaticano o ancião venerando, o Pontifice incomparavel, que tão minuciosamente se quiz informar de todos os negocios da diocese e que tão instante recommendou o cuidado pela educação da mocidade, tudo foi a expressão de um bello quadro de que mal podemos dar aqui os traços geraes, feito com mão de mestre, deixando bem gravado no espirito de todos os que assistiram, impressões que não de esquecer tarde.»

A brilhante e commovente allocução de S. Ex.º Rev.º corre actualmente impressa em folheto.

Eis, pois, um leve esboço dos factos mais importantes da vida publica de tão venerando prelado, de quem hoje publicamos o retrato e que deverão ter seguimento, attentas as virtudes e elevado espirito que distinguem o seu bondoso caracter.

Despido de interesses mundanos, o sr. bispo de Cabo-Verde é um verdadeiro apóstolo da caridade christã, que acode ao desgraçado com o obolo e conselho, que se compraz em faser o bem pelo amor do bem.

E' por isso que toda a imprensa tem sido unanime em elogiar o illustre antistite, que tanto se sabe elevar no conceito dos seus contemporaneos.

N'estas rapidas linhas apenas deixamos esboçados os principaes traços physionomicos do actual chefe da egreja Cabo-Verdianna que respectivamente cumprimos, felicitando o cordialmente.

A. Lopes Mendes.

Janerio de 1894.

ALVAÇÕES DO CORGO

A sete kilometros do ponto, onde o rio Corgo desagua no Donro, proximo da villa do Pezo da Regoa, ao meio d'um alto monte, talhado a pique, sobre a margem esquerda d'aquelle rio, estancia a povoação d'Alvações do Corgo. Como que forma um amphitheatro coroado de sua egreja, e, onde, os edificios, caiados e elegantes, resaltam da verdura da paisagem. Encanta os olhos de quem, transpondo a estrada fronteira de Sancta Martha de Penaguião, fita n'uma das voltas d'aquella via publica, o acervo d'aquelles casaes,

alegres e agglomerados no aconchego patriarchal, tão proprio das construcções ruraes.

Perde-se na noute dos tempos a origem d'esta povoação: não deixa, porém, de ter a sua lenda, que, á noute, ao fogo do lar contam os velhos, como a ouviram aos seus avós.

Assim no alto do Gigadouro, juncto do portal, que serve á Quinta da Ozoria viviam os mouros, que, por um caminho subterraneo, levavam os seus cavallos a beber, junto da fraga d'Usse, ás limpidas agoas do rio Corgo. O nome da fraga d'Usse vem, no dizer d'alguns, do modo antigo, como se exprimia a presença de animaes bravios em certos pontos do paiz, do que dão testemunho numerosos documentos dos primeiros tempos da monarchia.

Então, com mais fundamento que em tempos posteriores se exigiram cabeças de pardaes como imposto, se impunha aos foreiros a obrigação de pagar certo numero de pés d'urso, como fôro annual, tão frequentes eram essas fêras n'aquelles tempos primitivos, e tão grande a necessidade de as aniquillar.

Tambem se conta d'esses tempos remotos que havia comunicação subterranea com S. Miguel de Lobrigos, que fica defronte d'Alvações a quatro kilometros. Em uma dos boccas da mina, que está junto da fraga d'Usse, foi mettido um cão, tapandose-se lhe o orificio por onde entrou. Pouco depois appareceu em S. Miguel de Lobrigos, o que, no dizer dos velhos, evidencia a verdade da comunicação subterranea por baixo do rio entre um e outro gremio de população.

Além d'estas contam-se outras cousas singulares, como a existencia d'uma larga pedra, junto ás minas, onde os mouros se reuniam para tomar o sol.

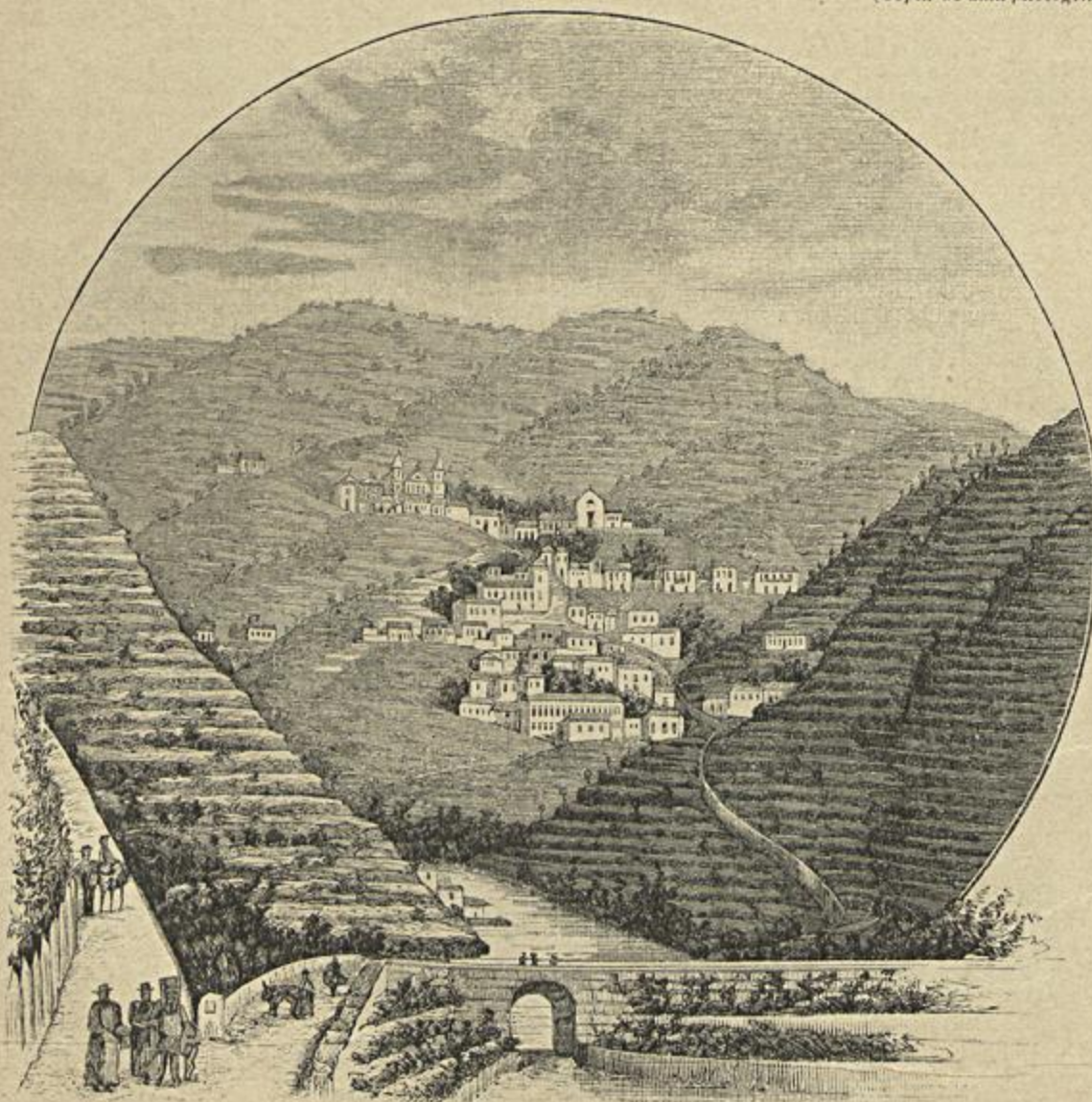
Estas narrativas, não obstante pertencerem aos periodos obscuros da historia d'esta povoação, parece terem certos visos de verdade, quando lembrarmos, que no cimo da povoação, onde se acha a residencia episcopal do sr. Bispo de Cabo Verde, ha o sitio denominado Auzenda ou Uzenda, nome que tanto logar occupa nas narrativas arabes.

Depois d'essas epochas remotas a vida agricola d'esta terra devia ser como a das outras, até ao tempo, em que o progresso da cultura da vinha



D. JOAQUIM AUGUSTO DE BARROS — BISPO DE CABO VERDE

(Copia de uma photographia do sr. Fillon)



ALVAÇÕES DO CORGO — SOLAR DE D. JOAQUIM AUGUSTO DE BARROS BISPO DE CABO VERDE

(Desenho do sr. A. Lopes Mendes)

veio dar a esta, como muitas povoações do Douro, desenvolvimento e riqueza.

Dizem uns, que uns viajantes, que atravessavam pelo meio d'ella viram em uma janella duas esbeltas donzellas que, na brancura assetinada e mimosa da pelle, tinham tal encanto, que os levaram a exclamar. Alvas sois! Provavelmente engrandeceram com outras palavras ainda aquellas peregrinas bellezas; a chronica, porem, refere só essas, e d'ahi tira o nome da povoação.

Asseveram outros auctores, que nascera a denominação d'esta aldeia d'uma circumstancia, que occorre, quando o rio Corgo, soberbo e inchado de agoas pluviaes, se precipita, ruidoso e murmurador, sobre as fragas do seu leito. Succede que, defronte da povoação, os seus alvoroços são mais asperos, e os seus ruidos mais fortes e sonoros. D'aqui o dizer-se que o nome da povoação foi, na sua origem — Alvoroções do Corgo — como referencia áquelles factos accidentaes, que deixámos narrados.

Seja como fôr, é certo que hoje a vistosa e alegre povoação, de que damos a estampa se denomina Alvações do Corgo.

Desce-se para ella por via de uma estreita asinhaga, chamada Gorrêta, vindo de S. João de Lobrigos. Ao entrar na freguezia encontra-se uma ponte de pedra de granito, que ata as relações da margem direita com a esquerda. Foi esta ponte edificada em 1804, custando quatro a cinco mil cruzados, ou como hoje diriamos, dous contos de reis. Foi construida a expensas de João Ferreira, coronel de milicias de Villa Real, natural de Villa Maior, que pediu licença ao governo para a edificar á sua custa, com a condição de receber as respectivas portagens, isto é, por cada carro carregado 80 réis, cavalgadura maior 40 réis, menor 20 réis e por pessoa 10 réis. Esta ponte substituiu a barca por onde se passava no Corgo, que era causa de frequentes desastres.

Largo tempo recebeu as portagens o constructor; todavia, logo que o povo d'Alvações presumiu que devia achar-se pago com

largueza, foi, pela calada da noute, á ponte, destruiu a barraca da cobrança, afugentou os cobradores á bordoada, findando, d'esse modo um pouco extraordinario, mas portuguez de lei, a extorsão indisculpavel.

Da ponte sobe-se á povoação por uma estrada larga e ingreme feita pela Companhia dos Vinhos até que se entra n'uma rua estreita e mal calçada offerecendo nos logo dois edificios, de fabrica regular, com seus brasões, sendo um da familia de Manuel Alves Guedes, e outro do Padre José Pinto de Mesquita, que ha muitos annos falleceu.

A poucos passos encontra-se um largo tanque de granito onde jorram limpidas agoas de duas

teio e outros cereaes, levou-a ao ponto de ser distincta no Douro pelos homens, que d'ella sahiram entregando-se ás letras e a estudos maiores. Citaremos uma parte d'aquelles que existiram aqui ou erám seus naturaes até 1834. Entre aquelles, que pertenceram á vida monastica lembraremos —D. Antonio de Sancta Rita, que morreu arcebispo de Gôa, irmão de Florencio de Carvalho, —Frei João de Carvalho—Frei Miguel da Purificação, frade franciscano—Frei José do Carmo, dito —Frei Dyonisio, dito—Frei Antonio de Sena, dito—Frei João de Mesquita, dominicano—Frei João de Mattos, bórro—Frei José Maria Pires de Carvalho, dito—Frei Manoel de Mattos—graciano —Frei Domingos de Carvalho. Citaremos ainda os

A familia Varejão occupa um lugar distincto entre os membros da nossa nobreza antiga.

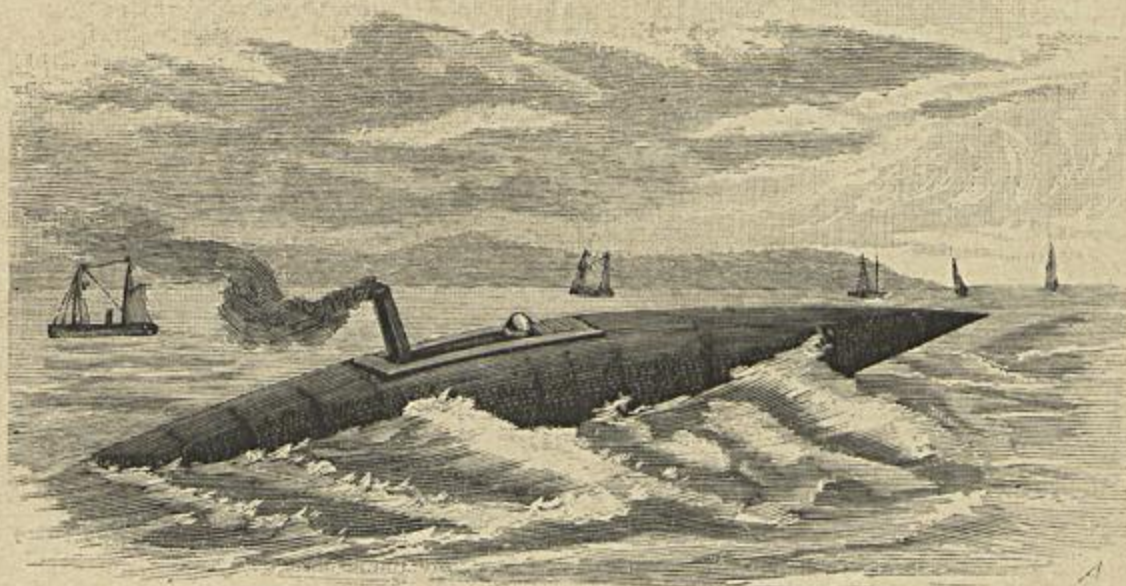
Não deve ser esquecida a familia Leite tão digna sob todos os pontos de vista.

Todas estas familiaa têm brazões, ou podiam têl-os se por ventura aspirassem a essa honraria.

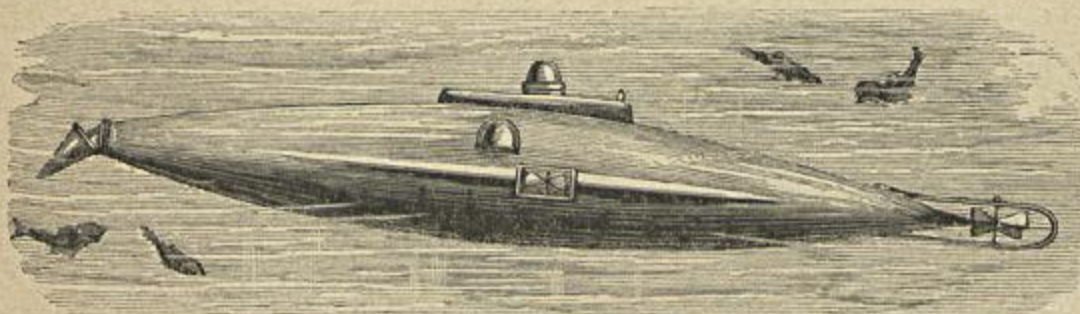
A povoação é coroada pela Igreja de Santo Antonio, que foi edificada em 1727, substituindo uma pequena capella que alli existia. Tem a Igreja diversos altares de primorosa talha e um magnifico orgão doado por uma senhora da familia Moura.

Foi por occasião da construcção d'esta Igreja, que a freguezia deixou de pagar congrua a dois parochos de S. João de Lobrigos e Senhora das

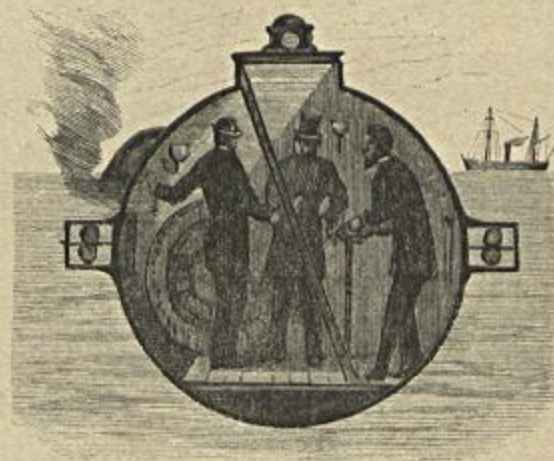
ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



O SUBMARINO «NORDENFELDT» Á SUPERFICIE D'AGUA



O SUBMARINO «NORDENFELDT» DEBAIXO D'AGUA



CORTE VERTICAL DO SUBMARINO «NORDENFELDT»

bicas de bronze. Foi mandado fazer, tambem pela dita Companhia dos Vinhos do Alto Douro pelo rendimento do subsidio, que ella arrecadava para fins de obras de utilidade publica, e que dispendeu até que entrou na receita geral do Estado.

Sobe-se em seguida pela rua do Poço e Eido, onde se encontra ainda a casa abrasada de Antonio Ferreira Vaz, ancião respeitavel, defuncto ha muitos annos.

Ao lado esquerdo d'estas duas ruas estancia a população, composta de diversos edificios em ruas estreitas e mal alinhadas sobresahindo as casas do Balcão, Val, Eirô, Bairrel, Residencia Parochial, Calçada, Auzenda, etc.

O desenvolvimento, que a cultura da vinha deu á riqueza d'esta povoação, que nos tempos primitivos se entregava á pastoreação dos gados, cultura do azeite, arvoredos de castanheiros, cen-

ecclesiasticos seculares: Padre José Pereira de Sousa, grande latinista—Padre Antonio da Cruz—Padre José Pinto — Padre Manoel Pinto— Padre Antonio Soares—Padre Antonio Capella—Padre Fernando Borges—Padre Bernardino Pereira.

As familias mais antigas d'Alvações tinham os apellidos de Pereiras, Lopes e Carvalhos.

Hoje ha em Alvações casas importantes sendo uma das principaes a dos srs. Mouras, cavalheiros tão distinctos pelas suas qualidades pessoaes, como pela sua riqueza e lustre de nobreza.

Os Pereiras tem, tambem, n'um estimavel ancião, o sr. João Pereira de Mattos, o representante do seu antigo lustre.

Os Capellas, que tem a sua casa no sitio denominado o Val, ligados hoje aos Lopes de Carvalho, contam na sua familia militares e ecclesiasticos de saber e outros personagens.

Neves de Villarinho dos Freires, que a pastoreavam cada um seis mezes do anno.

Requereram os parochianos ao Governo compromettendo-se a pagar a um parochos seu proprio a respectiva congrua, sustentação a que elle deferio, ficando formada a freguezia d'Alvações do Corgo que hoje pastoreia o eminente agricultor e Revrendo Padre Polydoro Augusto Pinto.

Habita este cavalheiro a mesma casa que foi morada do primeiro parochos da freguezia, a qual teve a honra, entre outras visitas, de abrigar n'uma casa, na rua das Quelhas D. Frei Bartholomeo dos Martyres durante tres dias, no tempo em que esta freguezia pertencia á circumscripção de Braga. Hoje é da jurisdicção de Lamego.

Conta-se que antes de 1834, no sitio chamado Val do Porto, foram exploradas algumas minas que se diziam de ouro, as quaes segundo, a opi-

nião dos moradores da terra, ficaram abandonadas em consequencia das perturbações politicas d'então, conservando, todavia, o sitio onde ellas existiam a denominação de *Minas*.

No anno de 1890, e no mez de Julho principiou a construcção da estrada, que deve ligar Villa Real á Regoa por via d'esta povoação, e que hoje chega ao Val do Porto. Foi o tolozoso e honrado Visconde de Chancelleros, que ordenou a construcção. Deve de ser importantissima no futuro, porque por ella o transitio entre as duas importantes terras da provincia que ficão mencionadas, é curto e muito mais facil por não haver no seu plano sensíveis declives. Alem d'esta estrada já se estudaram e completaram os projectos d'um caminho de ferro entre Ghaves e Peso da Regoa, de que Alvações do Corgo é uma das principaes estações para serviço das uberrimas margens do Corgo e numerosas povoações da margem esquerda—Azinheira, Povoação, Ermida, Penellas, Nogueira etc e da direita do rio.

Muitos filhos d'esta povoação tem procurado em longes terras, já do reino já de fóra d'elle, honrada e trabalhosa vida.

Assim no Brazil existem 6 filhos do venerando ancião João Pereira de Mattos, um dos quaes Antonio Pereira de Mattos e Sousa, estimavel cavalheiro, muitas vezes tem vindo a esta terra visitar os seus paes.

Tambem existe no Rio de Janeiro um outro filho d'esta povoação José Alves Montes, o qual, pelos actos de verdadeira caridade com que beneficia sua familia, pelos carinhos que lhe dispensa com inimitavel desprendimento e bisarria, bem merece a posição que occupa no Rio de Janeiro, onde é altamente considerado, assim como em Portugal tem numerosos amigos.

Ha presentemente em Alvações do Corgo um illustrado bacharel formado em direito, Antonio Augusto Pereira e outro em Medicina, que foi qualificado como estudante distincto, Antonio Guedes de Carvalho e Vasconcellos, e na Azinheira houve o bacharel José Teixeira de Azevedo, Juiz de Direito em muitas Comarcas e em todas muito estimado. N'esta povoação da Azinheira, que forma parte da freguezia d'Alvações do Corgo, houve a casa do Visconde da Azinheira, a denominada Casa Grande, de Francisco Feliciano Lobo, alem da do Juiz a que vimos de referir-nos, e que, hoje, é possuida pela distincta e respeitavel viuva d'aquelle magistrado, D. Emilia Ricardina da Fonseca Azevedo. Tambem é oriunda da Ozoria, sitio do logar da Azinheira a familia d'um ramo dos Ozorios hoje representada pelo distincto Engenheiro Civil Paulo de Barros Pinto Ozorio, ligado á familia nobillissima do Morgado de Villa Gova e Afonso Botelho de Sampaio.

Egualmente tem hoje casa de residencia na povoação d'Alvações do Corgo a familia, que, alem de duas senhoras, compoem, o Conselheiro Director Geral do Commercio e Estatistica, Guilhermino Augusto de Barros, o Bispo de Cabo-Verde, D. Joaquim Augusto de Barros e o Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra José Augusto de Barros. São cinco irmãos que vivem em commum, e que prestando homenagem ás suas recordações da infancia vieram, na povoação onde seus paes tinham bens, e elles passaram muitos dos dias da sua puericia, estabelecer a residencia, que lhes permitem as funcções que exercem longe da povoação que tanto amam. Dando uma modesta largueza a uma pequena casa de campo, que possuam em Alvações e procurando dotal-a d'algumas commodidades, que a hygiene aconselha, e o bem estar recommenda, veem e os seus sobrinhos, os filhos do mais velho da familia, passar parte do verão gosando os purissimos ares d'esta povoação, onde o povo é morigerado e docil, e a população, em geral, bem disposta, airoza e trabalhadora. A lucta, que ella ha dez annos sustenta para que as suas vinhas não desapareçam, é verdadeiramente heroica e incrível.

A producção d'esta freguezia orçava par 1:000 pipas, e nos annos escassos a 800. Acha-se reduzida a 200 pipas!

Não obstante, este povo trabalhador e incançavel, recomeça em cada anno a lucta contra as molestias que atacam as vinhas, sem meios, sem auxilio, sem soccorro d'alguem, mas supprindo todas estas faltas pelos seus soores, pelo seu braço que não cança, pela sua actividade que nada abate.

Dos poderes publicos apenas teve como melhoramento e auxilio um kilometro de estrada destinada a facilitar a extracção dos seus productos, que sem embargo continuam a pagar, pela difficuldade do transporte, que os embaraça, por meio de abismos e invios azinhagas, pesados encargos ou descontos no preço da venda. Se o Governo, a quem nunca pediu auxilio, lhe desse, não o caminho de ferro que projectou, mas, continuando o

que começou, uma estrada de 10 a 12 kilometros, cumpriria elle um dever tanto mais que dos 300 000 contos que o paiz deve, e de que se tem empregado em melhoramentos uma grande parte, não se tem gasto n'esta freguezia, que pagou sempre os seus impostos sem dever um real, desde 1834, mais do que a importancia d'um kilometro de estrada, que se acha aberta por concluir.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do número 554)

O *Nordenfeldt* é um barco submarino em forma de charuto, planeado pelo engenheiro dinamarquez M. Nordenfeldt, lançado ao mar e experimentado em 1885. Mede 19^m,50 de comprimento e 3^m,65 de diametro maximo.

O motor é o vapor d'agua sobre aquecida em uma caldeira especial á pressão de dez atmosferas, e a machina é do systema Compound, accionando um helice collocado na pópa posteriormente ao leme. Este leme serve para o governo do barco no sentido horizontal.

A imersão e a enversão fazem se admittindo e rejeitando agua, para o que tem tres depositos convenientemente apropriados, sendo dois eguaes, um em cada extremidade, e o terceiro a meio. E os movimentos no sentido vertical são determinados pela acção de dois helices horizontaes e dois lemes lateraes, depois de obtida a conveniente imersão.

A sua guarnição compõe-se de quatro homens. O ar respiravel é renovado por meio de ar comprimido.

Este barco é armado com dois tubos para lançamento de torpedos automoveis; tem sempre um excesso de fluctuação e comporta um aprovisionamento sufficiente para dezaseis horas de navegação com a velocidade média de oito milhas por hora.

E' este o modelo primitivo, adquirido pelos governos da Dinamarca e da Suécia, com o qual se fizeram largas e repetidas experiencias nos mares do norte, experiencias que deixaram bem evidenciado o importantissimo papel que o submarino vae representar na guerra maritima.

Em 1886 novas experiencias foram feitas na Grecia com um submarino d'este systema, mandado construir pelo governo d'aquelle paiz.

Em 1887 foram simultaneamente experimentados dois barcos eguaes, *Nordenfeldt*, mandados construir por conta do governo da Turquia. Estes são já uma modificação do typo primitivo; tem 30^m,40 de comprimento, 3^m,65 de diametro maximo e 200 toneladas de deslocamento.

E, finalmente, em fins de 1888, com pequeno intervallo de tempo, em Southampton, Inglaterra, e em Wilhelmshassen, Alemanha, foram lançados ao mar dois submarinos *Nordenfeldt*, embora diferentes, ambos modificação do typo turco de 1887, mas ainda de maiores dimensões do que este, mandados construir por conta dos governos d'estas duas grandes nações. Tem aprovisionamento para quatro dias proximo de navegação, com a velocidade media de dez milhas por hora.

A sua guarnição é de trss homens.

Os diferentes barcos *Nordenfeldt*, desde o typo dinamarquez, de 1885, até ao typo inglez, de 1888, que é o mais moderno segundo as nossas informações, todos possuem as mesmas qualidades com excepção d'aquellas que proveem directamente da grandeza da embarcação. Nenhum d'elles pode manter se parado entre aguas, e todos possuem uma tal ou qual autonomia, maior nos ultimos dias e menor no primeiro.

(Continúa)

Grumete.

JULIO CESAR MACHADO

(Continuado do numero 553)

Ao contrario dos seus collegas nas lettras, Julio Machado não era frequentador assiduo dos cafés, e se entrava no Marrare, não se demorava: desde muito novo preferiu lhes o theatro. No palco, nos camarins dos artistas, travou relações intimas com os mais distinctos, e d'essa convivencia tirou subsidios — estudos, esboços do natural — e com elles ornou de graciosos quadros e retratos o interessantissimo livro em que tão brilhante e chistosamente os pintou.

No nosso pequeno mundo litterario foi um in-

dependente. Era rarissimo vel-o em casa dos grandes sacerdotes da litteratura. Não era dos convivas dos sabbados em casa de Herculano; e nos saraus de Castilho, em S. Francisco de Paula, onde se reunia a flôr dos nossos poetas e prosadores — a velha guarda e a nova — n'essa casa, verdadeiro templo das lettras, onde o grande poeta offercia tão larga, affavel e generosa hospitalidade aos que as cultivavam, ali onde encontrei tambem Julio Diniz, Ernesto Marecos, Guerra Junqueiro, Anthero do Quental; os novos que já tinham conquistado as esporas d'ouro, e os que iam fazer tão ruidosa entrada na scena litteraria — a elle, ao nosso Julio, só o vi lá uma noite, no longo periodo de muitos annos em que fui um dos mais constantes convivas d'esses festins litterarios, d'essas reuniões quasi academicas, que alli findaram, sem, infelizmente, terem deixado successoras.

O illustre folhetinista, que sempre viveu das lettras e com ellas, parecia evitar as grandes reuniões com os seus confrades, mas foi amigo intimo de Campos Valdez — o celebre empresario; de Galeazzo Fontana — o grande harpista — em cuja casa, ao Chiado, algumas vezes jantámos com Domingos Martins, Bulhão Pato, José d'Avellar, Severo e mais alguns, uns mortos, e outros vivos, mas que, *sicut nos*, já olham para o passado; de Beneventano, o famoso barytono; de Mongini, o extraordinario tenor; de Raphael Bordalo, de Paulo Plantier, do dr. Hopffer, de Emilio Mouchet, *et j'en passe*... Os italianos de S. Carlos, os da velha guarda de D. Maria, do Gymnasio, da Trindade, alguns da Academia das Bellas-Artes, como Lupi, foram a sociedade que elle mais apreciou, os homens com quem mais conviveu.

Estas figuras d'amigos, illustres nas artes e na scena, e muitas outras d'outros mundos — Julio Machado era um bom observador — apparecem nos seus livros e folhetins, registro de tempos que lá vão, *acti hebdomadaria* da vida contemporanea. Alguns d'elles não eram artistas, mas amavam as lettras, recebiam com prazer os seus cultores, e tratavam o a elle com os extremos de amizade de que era digno, e ao mesmo tempo com uns esmeros e requintes de culinaria, que sabiam serem do agrado do seu espirituoso conviva, que, para em tudo ser homem de gosto, tambem o era á mesa. Aquelles curiosos artigos da *Gazeta de Portugal*, que elle baptisou com um pomposo nome greco macarronico de *Paparoka Biblion* — provam que o auctor da *Vida alegre* não era leigo na arte de Vatel, e podia fallar d'ella com a auctoridade magistral d'um collega emérito de Brillat-Savarin.

Desejado e bemvindo em toda a parte Julio Machado até certa epocha da sua vida foi muito mundano, e esta abstenção, esta ausencia voluntaria dos centros, dos cenaculos litterarios, não se explica nem pela insociabilidade, nem pela timidez. O que eu penso é que elle procurava assim garantir a sua independencia de escriptor, para fallar de quem e como quizesse, imaginando, com o seu espirito em extremo melindroso, que d'outra forma poderia uma ou outra vez comprometter-se.

E, a proposito de timidez, farei uma pequena rectificação ao que o meu bom amigo e distincto collega, Gervasio Lobato, disse aqui do horror profundo que o nosso querido Julio tinha a fallar em publico. Abster-se foi n'este caso a sua regra, é certo, mas, como todas, teve esta uma excepção, de que fui testemunha. Passou-se isto em 1806, se bem me recorde. Andrade Ferreira, então director do *Collegio artistico commercial*, ao Rato, organisou alli uma serie de conferencias, para as quaes convidou os seus amigos e confrades em lettras. Foram alli ouvidos Castilho, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro, Vieira de Castro, Jayme Moniz, Sousa Lobo, Manuel Roussado, o dr. Accacio Caldeira, Pinto Pedrosa, Palmeirim e outros. Numa d'essas reuniões leu Julio Machado, muito bem, com um tom perfeitamente natural, um folhetim ácerca do grande *maestro* Rossini, sendo escutado com a maior attenção, e muito applaudido pelo escolhido e numeroso auditorio, que enchia a vasta salla.

Era licito sentir os nervos agitados perante aquella assembléa, n'aquelle logar, onde tinham brilhado oradores habituados ás tumultuosas reuniões academicas de Coimbra, e ás grandes pugnas parlamentares em S. Bento; todavia o conferente mostrou a maior serenidade, e, se não deu á sua leitura aquelle original e accentuado colorido — cheio de gradações e contrastes — aquelle

relevo que lhe era peculiar, e que elle obtinha com o movimento da physionomia, que sublinhava e pontuava as phrases, a proporção que as ia dizendo, não deixou nada a desejar emquanto á correccão e naturalidade da phrase, ao tom e ao estylo da sua declamação.

(Continúa). Zacharias d'Aça.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA
(Continuado do n.º 554)

II

A estas noticias biographicas e a estes serviços que Villa Real fez á sua patria devemos juntar outros não menos valiosos e que a elles se entrelaçam: os que lhe prestou com os seus escriptos politicos e litterarios. Posto, segundo elle mesmo dizia, não soubesse sciencia alguma, e conhecesse unicamente um pouco de latim, francez, italiano e arabe, era Villa Real habilitado por natureza e dedicou-se desde muito novo a assidua leitura, de que sempre foi muito amigo, e desassidua de muito novo começou a escrever. Data dos seus vinte ou vinte e um annos um epitome de toda a historia de II spanha, que deu manuscripta a D. Jeronymo Mascarenhas e manuscripta ficou, assim como o ficaram tambem varias arvores genealogicas dos reis de Hespanha e de diferentes familias, que seriam compostas, conjecturamos, quando esteve n'aquelle reino. Em começo de trinta e seis, a instancia de certa religiosa do mosteiro de Santa Anna, de Lisboa, escreveu um discurso intitulado *El color verde, a la divina Ce- lia*, de galanteria, segundo é de crer, e que no anno seguinte foi publicado em Madrid. E' esta a sua primeira obra impressa de que temos conhecimento. Em trinta e nove, para se facilitar no estudo do italiano, traduziu elle em hespanhol a vida do conde-duque de Olivares, de Malvez; no mesmo anno traduziu um livro francez de moral: *Espelho sem adulção*. Nem um nem outro viram a luz publica.

No principio de quarenta e um, desejando tornar favoravel a causa da restauração portugueza o animo do omnipotente ministro de Luiz XIII, escreveu o *Eptome genealogico del emmentissimo cardenal duque de Richelieu y discursos politicos sobre algunas acciones de su vida*, impresso no mesmo anno em Pamplona (alias Pariz, segundo elle declara), por Juan Antonio Berdun, e em segunda edição, pelo mesmo e no mesmo lugar em 1642, com o titulo: *El politico christianissimo d discursos politicos sobre algunas acciones de la vida del emmentissimo señor cardenal duque de Richelieu*. Esta obra foi apresentada pelos embaixadores, o monteiro-mor e Antonio Coelho de Carvalho, ao cardeal, na ultima audiencia que tiveram em Abbeville, e, segundo Barbosa Machado, traduzida em italiano por Parisio Cerehiari (Veneza, 1646), e em francez por Chestonières de Grenaille.

Tendo João Caramuel Lobekowitz publicado o seu *Anti manifesto* contra Portugal, e sabendo-o Villa-Real em Novembro de quarenta e dois, mandou buscar um exemplar a Anvers, e o conde da Vidigueira pelo Natal encomendou-lhe que lhe respondesse, o que este pôz logo em execução, e com tanta pressa, que escreveu á noite o que se imprimia no dia seguinte. E' a obra *Anti-Caramuel d Defensa del manifesto del reino de Portugal*. . . Pariz, por Miguel Blageaert, 1643. Pela Paschoa d'este anno já estava prompta, pois então Villa-Real foi em companhia do conde levar um exemplar a Saint-Germain ao cardeal Mazarino.

A prisão injusta do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV, pelo Imperador de All-manha, Frederico II, em cujo exercito elle militava desinteressada e gloriosamente, e a desleal e vil entrega que este fez do seu illustre parente e servidor aos nossos inimigos, os hespanhoes levaram o conde da Vidigueira a pedir ao seu secretario, Antonio Moniz de Carvalho, que escrevesse uma obra a tal respeito, a qual se publicou anonymamente com o titulo: *Innocentis et liberi Principis venditio*. . . em Pariz, em quarenta e dois, e Villa-Real traduziu tanto na lingua franceza como na hespanhola, e ampliou muito mudando-lhe o titulo para o de *El Principe vendido a venta del innocente y libre Principe D. Duarte, Infante de Portugal, celebrada en Vienna a 25 de Junio de 1642*. . . A obra original carece de auctor, anno e lugar de impressão; mas é evidentemente de Antonio Moniz de Carvalho, de quarenta e dois, e provavelmente de Pariz; a traducção hespanhola estampou-se n'esta cidade por João Palé em quarenta e três; e no mesmo anno em Barcelona; da franceza conhecemos a edição de Pariz e a de Lyão, ambas de quarenta e três, e outra, cuja procedencia ignoramos e de que existe um exemplar na Bibliotheca de Evora, devendo ser esta, com a maior probabilidade, proxima na data á das antecedentes, porque foi então que se publicaram todos os manifestos a favor do Infante D. Duarte, e porque assim o reclamava o interesse da sua causa, que se debatia ante os olhos da Europa, o que tudo melhor se pode ver na *Historia* do mesmo Infante por nós escripta e dada á luz ha poucos annos, onde tratamos largamente do assumpto.

No dito anno de quarenta e três estampou-se em Pariz, com o fim de divulgar os successos politicos do reino, *Le Mercure portugais, ou Relations politiques de la fameuse révolution d'Etat arrivée en Portugal, depuis la mort de D. Sébastien jusqu'au commencement de D. Jean IV apresant régnant* e Villa-Real foi encarregado pelo conde da Vidigueira da parte mais importante d'esta publicação, isto é, de organisal-a e dirigil-a. As memorias para ella, mandadas pelo governo portu-

guez, eram fornecidas pelo conde a Villa-Real; este ornavava-as, resumia-as, ampliava-as, annotava-as, conforme a conveniencia; e um francez, a quem o conde pagava o seu trabalho, punha-as na sua lingua. *Le Mercure portugais* é dedicado ao conde e traz por auctor Chestonières de Grenaille, que julgamos pseudonymo de Villa-Real, ou antes o nome do francez que collaborou na sua publicação. Chestonières de Grenaille figura, como vimos, na traducção franceza do livro *El politico christianissimo*, a qual n'este caso sera ou de um ou de outro, posto que não a menciono Villa-Real na lista das suas composições apresentada ao Santo Officio nos incline a suppor que não lhe pertence.

Não contente Villa-Real de imprimir estas noticias, escreveu em francez para os *Mercurios* de França, em quarenta e quatro, uma relação de quanto succedera na aclamação de D. João IV. Por este tempo fez uma larga memoria dos reis de Portugal e das familias que d'elles procedem, que anda impressa na *Real Genealogia de França*; outra a pedido do doutor Francisco Velasco de Gouvea e do conde da Vidigueira, em francez, sobre ao papa não tocar prover os reis nem ter auctoridade no poder temporal d'elles; estampou a *Lusitania vindicata*, do arcebispo eleito de Lisboa, que depois reimprimiu e traduziu em hespanhol e imprimiu em francez. Em quarenta e cinco imprimiu *Cinco livros da decada doze da historia da India*, de Diogo do Couto, os quaes se conservavam ineditos, e se occupam do primeiro governo do vice-rei D. Francisco da Gama, dedicando-os ao filho d'este, o embaixador, por quem talvez lhe fosse encarregada a edição e a cuja custa seria feita; a informação do processo do mesmo D. Francisco da Gama sobre a perda das naus e sobre a sua residencia; duas folhas em francez do que possuia Portugal na Europa e nas conquistas; as *Rimas varias y tragicomedia del martyr de Etiopia*, do capitão Miguel Botelho de Carvalho, secretario do embaixador (Ruão, 1646); as *Rhythmas varias* de soror Violante do Ceo (idem); e os *Soliloquios* de Lope de Vega; compoz e imprimiu uma carta sobre o que aconteceu em Roma ao doutor Nicolau Monteiro, representante de Portugal junto da Curia; escreveu em quarenta e seis, a pedido de Antonio Moniz de Carvalho, uma memoria sobre França não desamparar Portugal no tractado da paz, que então se julgava estar quasi a concluir-se, e sobre o que o dito Antonio Moniz compoz e publicou outra com o titulo de *Francia interesada con Portugal en la separacion de Castilla*; e em quarenta e sete, por ordem do marquez de Niza, uma memoria com as razões que havia para se tirar o confisco dos bens da gente de nação, a fim de os negociantes portuguezes d'ella enviarem as suas mercadorias ao reino e assim se augmentar o commercio; outra a favor da christandade do Congo, ao saber que os hespanhoes mandavam para lá capuchos italianos, a qual o marquez remetteu para Roma; outra mostrando que os francezes não deviam ir á ilha de S. Lourenço por ser conquista de Portugal; diversas a respeito dos seguintes assumptos: incidentes da paz que então se tratava no congresso de Munster, abrangendo, por assim dizer, todos elles; commercio da pimenta de Portugal para França; moeda e levantamento do seu valor; estabelecimento no reino de um porto livre; contra Hollanda, em grande numero, ácerca de Angola e do Brasil, pugnando sempre por que não se lhe cedesse parte d'esta vasta possessão; varias cartas suppostas mostrando o que era Portugal; e todos os artigos que a respeito d'elle sahiram nas gazetas de França.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

(Continuado do numero 554)

X

O dia seguinte amanheceu cheio de sol, alegre e frio. O temporal da noite anterior como que purificara o Azul, dando-lhe uma crystalinidade mais fina que tonificava.

Pouco depois de se erguer, D. Pedro, surpreendido por aquella radiante manhã de alleluia, desceu a um pequeno pomar que ladeava o sul da casa, curioso de observar os estragos que a invernia causara n'essa cultura de mimo a quem elle sacrificava cuidados verdadeiramente paternaes. Levantava elle uma pequenina larangeira de Genova, que a tempestade derrubara, quando o velho peregrino da noite antecedente veio ao seu encontro.

— Deus salve vossa mercê! — disse elle, aproximando-se.

— Deus vos guarde. Sois o penitente de hontem?

— O mesmo, senhor. Beijo as mãos a vossa mercê, pela pousada que teve a caridade de dar-me. E o velho, singularmente agitado, querendo dar real execução ao cumprimento, abaxara-se e tentava beijar as mãos de D. Pedro. Mas o fidalgo retirou as.

— Deixae, — disse, — preso a vossa gratidão e basta-me saber que a sentis. . . Hontem, devia parecer-vos muito bello o lume; contaram-me

que vinheis alagado do temporal. . . Devieis preservar-vos mais das tormentas que devem molestar bastante os da vossa idade. . . Hoje, tendes um dia magnifico! Ides para longe?

O velho fez um gesto desalentado e vago:

— Nem eu sei!

— Entendo-vos; andaes, por penitencia, vivendo da caridade alheia. Grande penitencia é, quando se sabe soffrir com resignação a vilta que quasi sempre acompanha a esmolla. . . Não é isto?

— Sem duvida. Vossa mercê tem palavras que se não casam, em geral, com a idade que apparenta contar. . . Admira-me que sendo tão moço, tão bem conheça as miserias do mundo.

— E' que algumas já tenho experimentado. . . Mas deixemos isso. Então correis o mundo por voto de penitencia; e vindes de muito longe?

— Muito! Conhece vossa mercê a Hollanda?

— A Hollanda? Vós vindes da Hollanda? — fez D. Pedro de Lara, subitamente.

— Sim, senhor. De Amsterdam.

— De Amsterdam! — repetiu o fidalgo, olhando fixamente o velho.

— Parece que o nome causou impressão em vossa mercê. . . Não me admira; aquella cidade é valhacouto de herejes e em Portugal é tão exaltada a fé catholica. . .

— Vivestes muitos annos por lá?

— Muitos! Talvez mais dos que os que vossa mercê tem de idade.

— Então deveis talvez conhecer. . .

D. Pedro ia pronunciar o nome do pae, mas um secreto pudor fel o suspender a meio da phrase. O velho tivera tambem uma contracção nervosa no rosto sulcado de rugas; e vendo que o fidalgo se calara, vagamente enleado, perguntou:

— Quem diz vossa mercê, que devia conhecer?

— Ninguém. . . Era uma pessoa que já morreu. . .

O velho penitente teve um sorriso melancolico ao ver o fidalgo curvar-se precipitadamente para apurar um pequeno arbusto derrubado. Todavia, compoz uma visagem de indifferença e disse:

— Seria um fidalgo portuguez cha nado. . . Deixe vossa mercê vêr se me lembra. . . D. Balthazar. . . Acho que se chamava D. Balthazar. . .

— O que! sabeis alguma coisa d'esse homem?

— Sei toda a sua vida. Vivemos como irmãos durante o tempo do exilio. . . Mas que tem vossa mercê que está tão agitado? . . .

— Tenho que. . . Vinde cá, vinde cá, preciso que me digaes algumas coisas. . .

E D. Pedro de Lara, com um gesto nervoso, tomou o braço tremulo do velho penitente e levou-o para um pavilhão que havia n'um dos extremos da casa, especie de torrella coroada bellicamente por umas grosseiras ameias de granito musgoso. Apenas entrou n'uma pequena sala, quasi nua de moveis, o fidalgo cerrando a porta sobre si, exclamou:

— Dizei-me tudo o que sabeis ácerca de esse D. Balthazar. . . Morreu? . . .

— Penso que não. Comquanto velho e acabado, cuido que ainda deve viver. E' elle parente de vossa mercê?

E' . . . Mas, dizei-me, como vivia elle? Mal de meios, tinha necessidades?

— Em quanto o conheci, nunca as teve. Vivia, se não com luxo, ao menos com mediania.

— E a . . . mulher?

— A segunda mulher, quer vossa mercê dizer, por certo. . . Porque a mim parece-me que elle foi casado duas vezes. . .

— Sim. . .

— E até me disseram que tivera um filho da primeira mulher, que era uma fidalga de ao pé de Vizeu. . . Vossa mercê sabe de isto?

— Sim. . . Mas. . . da segunda?

— Da segunda tambem teve uma filha, essa vi-a eu, mas morreu creancinha. . .

— E a mãe?

— A mãe foi já atraz da filha; ha dois annos que lhe assisti ao enterro. Era hebreia, segundo ouvi. . . Parece impossivel que um fidalgo christão, velho fosse casar com. . .

— Sabeis onde elle agora estará?

— Não. Mas se vossa mercê tem grande interesse, posso indagar. . .

— Tendes amigos em Amsterdam?

— Alguns, e com elles conto.

N'este momento, uma grulhada infantil clamorou juncto da porta, chamando em altas vozes por D. Pedro.

— São filhos de vossa mercê? — perguntou o velho, com um singular clarão nos olhos.

— São, Eu mando os embora — disse o fidalgo, ainda preocupado, dirigindo-se para a porta.

— Oh! deixe-os entrar!

— Mas eu queria que me dissesseis ainda. . .

— Só um momento. . . Temos muito tempo.

D. Pedro abriu a porta, e os filhos entraram,

fortes e contentes, com o mais novo na vanguarda, gesticulando animadamente. Vinham dar ao pae o beijo matinal, e todos tres se penduraram, á porfia, nos braços affectuosos do fidalgo.

O velho ao vel-os não se conteve; com a fronte illuminada, os olhos borbulhando lagrimas, a longa barba fluctuante, e os braços tremulamente estendidos, correu para o grupo, e enlaçando-os todos em um grande abraço, murmurou convulsamente:

— Meus filhos! meus filhos!

Os pequenos e D. Pedro fizeram pé atrás, entre attonitos e aterrados. O velho continuava com os braços estendidos, n'um gesto inexprimivel de supplica; e vendo recuar pae e filhos com os olhos fitos espavoridamente na sua attitude de allucinado, balbuciou doloridamente:

— Quê?! pois até vós me repudiaes tambem?...

D. Pedro tremeu violentamente como sacudido por uma vertigem, e com voz incerta exclamou:

— Quem sois penitente, quem sois vós?

O velho colheu-o nos braços quasi á força, e collando-lhe os labios ao ouvido, murmurou algumas palavras.



REVISTA POLITICA

O rompimento das relações entre Portugal e o Brazil, rompimento feito por esta ultima nação, é a ordem do dia em todos os circulos politicos, em todas as conversações, pelo inesperado de tal rompimento, de que ainda se não sabe positivamente qual a causa poderosa que levou o governo brasileiro a assim proceder para com a nação portugueza.

Sim, porque, o presidente da Republica do Brazil, mandou sahir do Rio de Janeiro o representante do governo portuguez, sem, segundo parece, fazer sentir a este funcionario os motivos que tinha para assim proceder, e o mesmo succede com respeito á ordem de retirada para Paris, que o ministro do Brazil em Lisboa, recebeu do seu governo.

Este procedimento intempestivo do governo da republica do Brazil, está sendo comentado por

Brazil está sendo commentado, em todas as chancellarias, e assim é, porque a todos interessa esta questão, attento o grande numero de estrangeiros que existem no Brazil e que é preciso proteger, porque este procedimento do governo brasileiro, que por enquanto se não explica, pôde ter explicação em algum golpe d'estado que se prepare, sobre a nacionalisação dos estrangeiros no Brazil, por meio de uma lei mais positiva e terminante do que a que existe promulgada pelo governo da republica, na sua subida ao poder.

Mas voltando ao procedimento do governo portuguez n'esta questão, encontramos no protesto do almirante Saldanha da Gama, formulado em Buenos-Ayres, um documento valioso, que bem mostra a correcção com que o nosso governo procedeu para com os revoltosos brasileiros que se acolheram sob a protecção da bandeira portugueza.

Diz o sr. Saldanha da Gama, que não podia ser melhor o tratamento que recebeu e os seus companheiros a bordo dos navios portuguezes, mas acrescenta, queixando-se amargamente, de que não podia ser maior o rigor com que eram guardados e vigiados, para que não fugissem, impedindo que



MASSARELLOS

(Copia de uma photographia do sr. E. Biel)

— Vós! vós! — exclamou D. Pedro, sobresaltado pela revelação.

Era D. Balthazar de Lara,

O velho levou-o para a beira de uma janella, e tirando do seio um mas-o de papeis, disse:

— Vê se reconheces as tuas cartas... São as mesmas, não falta ahí uma só. As nodoas que têm são das lagrimas que eu chorei sobre ellas.

— Meu pae, meu pae — exclamou D. Pedro, abraçando o velho, com um gozo desconhecido a trasbordar-lhe do peito.

— Falla mais baixo; estão ali os teus filhos, e eu não quero que elles saibam que este velho semelhante a mendigo, é seu avô... Vae animal-os, vae, que os pobresinhos estão cheios de pavor. Dize-lhes que devem amar-me, mas não lhes expliques porquê.

D. Pedro, foi buscar os filhos que se tinham refugiado n'um canto da sala, vagamente assustados trouxe-os para defronte do velho e, dando elle o exemplo, ordenou que lhe beljassem a mão. Os pequenos obedeceram tremendo, assustados por aquelle homem de barbas brancas que tão soffregamente os beijava. balbuciando confusas supplicas de perdão; e apenas D. Pedro, findo o lance, lhes ordenou que sahisses, elles correram, alvoçados, a contar á mãe o succedido,

(Continúa).

todas as chancellarias de um modo pouco favoravel para aquelle paiz, tanto mais depois da publicação, de todos os documentos relativos ao procedimento de Portugal para com o Brazil, nos ultimos acontecimentos que ali se tem dado, e que bem mostra a correcção com que o governo portuguez tem procedido.

Parece que o facto dos revoltosos se terem acolhido á protecção da bandeira portugueza, refugiando se a bordo dos navios de guerra portuguezes, surtos na bahia do Rio de Janeiro, e da fuga dos mesmos em Montevidéu, por causas que ainda não estão apuradas, terá dado motivo ao referido rompimento, mas se assim é, mal se explica, porque o governo portuguez já trocára explicações com o governo brasileiro, dando as satisfações que o caso reclamava, explicações e satisfações que parece o governo brasileiro acceitou e tudo se estava resolvendo pelas vias diplomaticas como era de dever.

Como explicar, pois um tal rompimento no meio das negociações que estavam em tão bom caminho?

E' o que toda a gente pergunta e a que ninguém sabe responder, e não sabemos se o proprio presidente da republica, que até esta data mais nada disse.

Dissemos que este procedimento do governo do

desembarcassem em Buenos-Ayres, como elles queriam.

Ora como procederia este sr. Saldanha da Gama para com emigrados que fossem confiados á sua guarda? Como cumpriria este senhore os compromissos que tomasse?

A resposta é facil, em vista da maneira como se portou: não os cumprindo.

E entretanto comprommetteu quem lhe salvou a vida e a dos seus companheiros d'armas, dando razão ao dito de «por bem fazer, mal haver».

Aguardemos os acontecimentos, fazendo votos para que se restabeleçam a verdade dos factos e as boas relações que sempre tem existido entre as duas nações irmãs, que a má sorte, que ha tempos persegue o nosso paiz, se compraseu agora em interromper, como um dos maiores desgostos que nos estava reservado.

E com a questão do Brazil acabou o microbio do cholera e o protesto da opposição contra o attentado á Carta.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29 — Lisboa